

A construção social do presente: ética, estética e política

Juliane Tagliari Farina
Luciana Rodriguez Barone
Tania Mara Galli Fonseca
Vilene Moehlecke

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, RS, Brasil*

RESUMO

O presente texto busca inspiração na obra de Michel Foucault, para revirar o presente que habitamos, colocando em questão os modos de produção de subjetividade majoritários. A analítica do presente se coloca como estratégia para escapar das formas já estabelecidas e produzir uma conexão com as forças do Fora*, abrindo novas possibilidades de criação e expressão. Entendendo-se criação como a expressão de uma existência mais livre e conectada com o outro, em um exercício de construção estética da existência atravessado pela ética do cuidado de si. Assim, a problematização do presente é também uma discussão sobre a construção social do sujeito e dos modos de existência, onde o encontro com o Fora abre a possibilidade de produzirmos territórios de autoria que façam da própria morte do Eu a possibilidade de emergência de um sujeito de ação, ético e político, que se reinventa e se constrói como autor do mundo.

Palavras-chave: Foucault; tempo; subjetividade; sujeito ético-político.

ABSTRACT

The social construction of the present time: Ethics, esthetics and politics

This text is based on Foucault, in order to change our present time, and questioning about the modes of the majority subjectivity. The present analytic is exposed here as a strategy to escape the forms already established and to reconnect him with the outside forces. Besides, we are able to open new possibilities of creation and expression. Creation is like an expression of a free life and at the same time connect with anyone which means an exercise building a esthetics of existence crossed the ethics of self-care. Political, that reinvents himself and builds himself as an author of the world. Thus, this questioning represents also the discussion about the subject and his modes of existence. The meeting with the outside may open the possibility of constructing territories of authorship who made the own death as a possibility of emergence of subject of action, ethical and political, that reinvents himself and builds himself as an author of the world.

Keywords: Foucault; time; subjectivity; ethical-political subject.

RESUMEN

La construcción social del presente: ética, estética y política

El presente texto busca inspiración en la obra de Michel Foucault, para replantear el presente que habitamos, cuestionando los modos de producción de subjetividad mayoritarios. La analítica del presente se pone como estrategia para escapar de las formas ya establecidas y producir una conexión con las fuerzas del Afuera, abriendo nuevas posibilidades de creación y expresión. Se entiende creación, como la expresión de una existencia más libre y conectada con el otro, en un ejercicio de construcción estética de la existencia atravesado por la ética del cuidado de sí. De esta manera, la problematización del presente es también una discusión sobre la construcción social del sujeto y de los modos de existencia, en la cual el encuentro con el Afuera abre la posibilidad de que produzcamos territorios de autoría que hagan de la propia muerte del Yo, la posibilidad de emergencia de un sujeto de acción, ético y político, que se reinventa y se construye como autor del mundo.

Palabras clave: Foucault; tiempo; subjetividad; sujeto ético-político.

* Utilizaremos Fora com letra maiúscula e antecedido por artigo definido, quando estivermos nos referindo precisamente ao conceito de Fora encontrado na obra de Foucault, Deleuze e Blanchot (Levy, 2003). Quando a palavra for encontrada em minúscula estaremos fazendo uma diferenciação em relação aos conceitos de senso-comum.

INTRODUÇÃO

O caminhar de um sujeito se assemelha à sua estranha aventura. O ritmo pode estar encharcado de silêncios e dúvidas, no tempo em que seus passos o levam para direções movediças e quentes. Um sujeito, quando se move, atende aos excessos do mundo. Ele se faz a partir de entregas, sente o olho da vida que o faz transbordar e o toma. Hóspede estrangeiro. Pouco a pouco, um percurso se envolve em uma trama que convida o ser e o corpo a comporem uma nova melodia, como se, entre lutas e orgias, fosse possível o encontro entre sonho e desmanche. Em uma costura de singularidades, o tempo é dado à invenção de si, à estética da existência, em uma espécie de obra que se desdobra em contornos impiedosos e sutis.

Apesar de instantes de criação e de alegria, o ser pode sucumbir aos apelos de um mundo já formado que o recoloca em presumidos lugares, onde ele passa a cozinhar-se em antigos fornos, com as velhas ponderações. Ele então, pode ser tomado de autopiedade e comiseração pelos passos perdidos.

Diariamente, uma vida pode ser envolta em excessos triviais. Como se fosse uma pequena embarcação, é conduzida por uma série de discursos que a levam para caminhos atormentados por clichês quase ininterruptos. Diante de uma variedade de opções, o sujeito é aprisionado em frases prontas enquanto seus desejos são capturados por uma máquina adaptativa e voraz. Entre a infâmia e o profano, pode se encharcar de uma panaceia de significados pré-fabricados, que embaralham e contaminam os modos de existência.

Desse modo, em meio a mecanismos de sujeição e imitação, parece muito fácil jogar o jogo de uma vida no contemporâneo, sem precisarmos pensar, tampouco diferir em meio a um transbordamento de formas sem sentido, mas que nos tomam de muitas maneiras e acabam por provocar tormentos no informe. Para evitar o caos, não raras vezes, aceitamos não aquilo que o corpo pode, mas exatamente o contorno que nos incita a suprimir o vazio e que desemboca em repetições de cunho moral e estigmatizante.

Em meio à tentativa de controle e imitação, as forças escapam por todos os lados e nos fazem sucumbir, e também resistir, a modos capitalísticos do existir. Às vezes, o ressentimento toma conta do sujeito, pois parece não haver outra saída se não o lamento e certa dose de ingratidão para com as forças ativas e criativas. Revive-se o tormento por uma conquista não realizada ou a perda de uma vibração qualquer. Como lidamos com o tempo da existência, quando temos a chance de trilhar os rumos do intempestivo movimento dos afetos, ou, então, de lamentar os tesouros perdidos?

REVIRAR O PRESENTE

No contemporâneo, o sujeito tem a chance de exercer um poder de escolha, que lhe dá a ilusão de uma liberdade, mas, na verdade, essa escolha precisa se dar entre incontáveis formas já definidas por modos capitalísticos de existir. Ele exerce, muitas vezes, a liberdade da imitação, ou da apropriação de discursos e práticas que o conectam à realidade estabelecida e o fazem pertencer a um universo estereotipado.

Nesse cenário, a noção de ‘cuidado de si’ aparece dando contorno a essas formas discursivas: ocupar-se de si tem o sentido de uma boa vontade consigo mesmo, um amor a si próprio, um interesse individual e egoísta necessário à manutenção do consumo desses modos capitalísticos de existir (Foucault, 2006). O cuidado de si fica associado a um investimento pessoal na aparência física, nos aprimoramentos corporais, na ocupação de lugares sociais privilegiados, na aquisição de bens de consumo em relação a um discurso dominante que determina quais são os melhores investimentos a fazer. É aí que temos a produção discursiva como uma produção de verdade e o verdadeiro como algo que não se discute. Assim, o exercício do pensamento passa a ser cada vez mais desconsiderado.

Foucault é um autor que pode nos oferecer muitas ferramentas conceituais capazes de revirar o presente que acima retratamos. Uma delas é a crítica, uma potência que nos possibilite perguntar sobre o domínio desses modos de produção de subjetividade capitalísticos e majoritários: “como não ser governado assim, por isso, em nome desses princípios, em vista de tais objetivos e por meio de tais procedimentos, não dessa forma, não para isso, não por eles” (Foucault, 1978, p. 3).

Foucault (1984), ao lembrar Kant, se questiona: o que é a nossa atualidade, ou qual é o campo atual das experiências possíveis? Isso nos faz pensar sobre a própria relação do tempo e do existir, como um enlace que aciona expressividades e entrelaçamentos singulares. Trata-se, pois, de uma analítica do presente, ou de uma ontologia de nós mesmos, já que recoloca o tempo em sua potência de criação e de recomeço. Nesse sentido, temos a chance de perguntar, envoltos no próprio movimento da existência, ao mesmo tempo em que relançamos o excesso de mesmice a um campo problemático e tortuoso. Podemos nos questionar, assim, sobre o que acontece hoje? O que acontece agora? Ou, dito de outro modo, quais são as possibilidades de questionarmos o presente, em direção a um passado-futuro, sempre inacabado, que nos retirem de uma ilusão de verdade ou tranquilidade e nos conectem a novas formas de vida?

Nesse caso, trata-se de formular questionamentos sobre o tempo, ou com o tempo, para, por meio dele, diferir e acontecimentalizar os atuais modos de ser. Trata-se de fazer bifurcar o agora, para que uma fissura possa acionar um élan vital entre sujeito e suas exterioridades envolventes. Ao questionarmos as complexidades do tempo, podemos mergulhar em perguntas inventadas, pois elas acionam potências, que nos conectam com nossa própria estrangeirice.

Podemos, então, questionar o presente, a fim de investir em uma revolução como o lugar de um entusiasmo, uma disposição humana para progredir num acontecimento permeado de virtualidades potenciais. Assim, lidamos com coexistências nômade, já que podemos estabelecer elos entre o presente e aquilo que acaba de passar, ou com o porvir, de tal modo que as micro-revoluções se operem no âmbito de um instante fugaz. Ao nos perguntarmos sobre o agora, somos lançados a uma zona de obscuridades e penumbras, que fazem o corpo brincar com os discursos de verdade, bem como acionar novos modos de lidar com o que o atravessa. Dessa maneira, questionamos o que é preciso fazer desta vontade de revolução, no sentido de relançá-la a práticas envolventes e livres de mecanismos auto-reguladores e morais (Foucault, 1984).

Perguntamo-nos, pois, o que é precisamente esse presente ao qual pertencemos? E como operar com os modos de pertencimento e contaminação, com o intuito de fazer diferir corpo e pensamento, para operar em um plano de descolamento de discursos estabelecidos e deixar os corpos se desdobrarem em novas problemáticas de si? Conforme Fonseca, Engelman e Gomes (2006), ao falarmos na construção do presente, podemos pensar em estratégias de resistência e criação que auxiliem na invenção de mundos e novas formas de vida. Assim, podemos registrar aquilo que é contemporâneo como o que se coloca como limite e, ao mesmo tempo, como possibilidade de superação. Ao invés de absorver todo o lixo capitalístico que nos assombra, é possível fechar o corpo a produtos vulgares, para abrir afeto e pensamento a uma atenção sensível que se liga a outras reverberações, inesperadas e absortas em complexidades singulares.

A problemática do presente não concerne apenas ao domínio racional, pois há uma outra face da revolução, a do combate contra o presente em favor de um futuro que virá. Mas é preciso compreender o futuro não como uma mera consequência do presente que vivemos; isso amarraria o porvir ao nosso vergonhoso presente. É preciso agir contra esse presente dirigindo-se para as potências virtuais, de absurdo e enigma, que não poderão anunciar com certezas, o tempo porvir. Então, revirar o presente em seu próprio emaranhado de

acasos e de encontros é lançar o tempo da linearidade ao perigoso jogo dos afetos misturados, que relançam complexidades e mistérios. Isso implica pensar a expansão da vida como um tempo que se abre para novas composições e abre mão de um presente ressentido (Foucault, in Fonseca et al., 2006).

Para tanto, não se trata de conservar um período passado e de criar uma cápsula do tempo, como se pudéssemos congelar passado e futuro. Tampouco esperar encontrar uma origem primeira de um fenômeno qualquer. Foucault, arqueologista e genealogista, não se interessava pelas origens, como quem encontra no passado as causas do presente e a previsão do futuro. Ao contrário, encontra pontos de ruptura, de resistência, de um passado que só aponta o quanto podemos nos diferenciar de nós mesmos em qualquer direção temporal. Não podemos mais apagar o passado na direção de um futuro, nem engessá-lo como uma tradição, mas nos voltarmos para ele sem receios de profaná-lo. Emaranhar-se em linhas de tempo, sem sair de um presente que consideramos intensivo e não vazio (Costa e Fonseca, 2007).

Portanto, revirar o presente implica um gesto de construção de uma outra estética do existir, perguntando-nos como acionar forças ativas e criativas, que relancem os sujeitos a outras problemáticas. Será possível instaurar vacúolos de solidão e silêncio, a fim de romper com a tirania de uma linguagem representacional e do turbilhão de significações estereotipadas, para fazer desdobrar o ser em novos agenciamentos maquínicos, em direção a uma nova estetização da existência?

A ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA E A CONSTRUÇÃO DE UM SUJEITO LIVRE E ATIVO

A estética da existência se constitui como outra ferramenta conceitual encontrada na obra de Foucault. O autor retoma as práticas do cuidado de si da Grécia Antiga como uma possibilidade de criticar tanto as noções cristãs quanto as formas capitalísticas de cuidado de si. No cristianismo, essas noções estão associadas à salvação através de uma renúncia de si mesmo que culpabiliza qualquer prática que se refira a uma atenção a si, pois estas são encaradas como um egoísmo, um não pensar no próximo. Enquanto que, os modos capitalísticos apontam um cuidado de si individualista e serializado, que se torna uma abdicação de singularidade.

O cuidado de si grego, diferentemente das formas cristãs e das formas capitalísticas, é diretamente associado a uma prática da liberdade. “Para se conduzir bem, para praticar adequadamente a liberdade, era

necessário se ocupar de si mesmo, cuidar de si (...)” (Foucault, 2006, p. 268). A liberdade individual era de suma importância, tanto no sentido de não se deixar escravizar quanto de exercitar o governo de si para melhor poder governar os outros. É aí que a ética do cuidado de si se ligava ao jogo da verdade, uma vez que cuidar de si implicava certamente o conhecimento de si e também o conhecimento de princípios e regras de conduta que são ao mesmo tempo verdades e prescrições.

Porém, o trabalho ético sobre si mesmo não pode ser encarado como uma conformação dos sujeitos a princípios e regras dadas, mas o trabalho de “transformar a si mesmo em sujeito moral de sua conduta” (Foucault, 2006, p. 213). O conhecimento de si não se dissocia de uma produção de si e do mundo. Enquanto a moderna consciência de si procura um retrato, estático e essencial do sujeito, o conhecimento de si trazido por Foucault implica uma relação, um processo, uma dimensão ética na constituição de uma existência moral e não a simples adaptação a regras estabelecidas. Portanto, sujeito e mundo estão sempre em relação recíproca e ética de produção.

Na verdade, toda a ação moral implica uma relação com o real em que ela se realiza, e uma relação com o código ao qual ela se refere; mas também implica uma certa relação consigo mesmo; esta não é simplesmente “consciência de si”, mas constituição de si como “sujeito moral”, na qual o indivíduo circunscreve a parte dele próprio que constitui esse objeto de prática moral, define sua posição em relação ao preceito que ele acata, determina para si um certo modo de ser que valerá como cumprimento moral dele mesmo e, para realizar-se, age sobre ele mesmo, levando-o a se conhecer, a se controlar, a pôr-se à prova, a se aperfeiçoar e a se transformar (Foucault, 2006, p. 213).

Assim, Foucault (apud Muchail, 2009) tem o sujeito como eixo central de sua pesquisa, mas não um sujeito que seria já constituído, e sim, aquele que se faz e refaz a partir de práticas de si. Um sujeito que se constrói no encontro com o outro, com certa exterioridade. Nesta relação, cuidar de si e do outro se entrelaçam desenfazendo a dissociação entre eu e o outro, e reafirmando a indissociabilidade e a processualidade dessa construção.

Muchail (2009) afirma que Foucault constrói para si uma tarefa genealógica, que consiste em fazer uma recuperação histórica do cuidado de si, a fim de compor uma reflexão voltada para a atualidade, pois sugere novas práticas e possibilidades de criação e resistência. Dessa maneira, podemos inferir a ética do cuidado de si no contemporâneo, retomando os questionamentos de Foucault, para reavivarmos uma estética da existência

que produza novas liberdades ao ser que se agencia frente a acasos e descobertas. Aliás, de que liberdade Foucault nos fala, quando faz pensar as novas formas de vida, para além de um ser aprisionado nos limites e definições modernas de um sujeito da razão ou nos ideais religiosos que não cansam de perguntar ‘quem somos?’. O cuidado de si supõe a liberdade ao falar de um sujeito de ação, ético e político, que se reinventa e responde à questão grega: que devemos fazer de nós mesmos?

Assim, somos conduzidos às definições de liberdade encontradas na Grécia Antiga. Primeiramente, a liberdade se localizava no fato de não ser escravo, tanto em relação à cidade, quanto em relação a si mesmo e a seus apetites. Isso coloca a liberdade como exercício e a constitui como uma questão eminentemente política, pois um escravo não tem ética. Uma vez que o *ethos* era a maneira de ser e de se conduzir, era isso que caracterizava a liberdade como uma prática concreta e problematizante da realidade (Foucault, 2006).

Nessa perspectiva, liberdade nada tem a ver com as discursividades modernas que fizeram dela uma simples liberação de uma essência reprimida por interdições morais, ou com o livre arbítrio individual de ir, vir e escolher as opções já dadas. “A interdição é uma coisa, a problematização moral outra” (Foucault, 2006, p. 198). A moral seria o próprio exercício do pensamento que define as condições sob as quais o sujeito problematiza o que é, o que faz e o lugar em que vive.

E se nas práticas de liberdade pressupõe-se que não há escravidão, também se entende que não há dominação. É preciso governar a si mesmo, antes de governar os outros. Mas governar implica uma relação consigo, com a cidade, com os outros e não um abuso de poder em que o tirano impõe aos outros sua desgovernança, seus apetites. O tirano é um escravo de si que escraviza os outros. Dessa forma, a liberdade coloca-se como própria condição ontológica da ética, e esta como forma de reflexão assumida pela liberdade. Então, a Ética não se afirma como moral, mas como práxis que supõe a liberação de uma vida, a partir de atos reflexivos e ativos, que produzem novos movimentos do sujeito e no mundo que ele habita (Foucault, 2006).

É por isso que as práticas de liberdade envolvem condutas morais que movimentam incessantemente os jogos de verdade, que colocam em uma luta de forças as relações de poder e saber. Assim, a ética do cuidado de si pode se ligar a micro-revoluções do presente, uma vez que elas supõem um exercício que faz revolver o tempo, emprestando-lhe vibrações, além de acionar uma espécie de atenção para aquilo que faz expandir o corpo em direção a uma envergadura plástica e sensível a novos encontros.

Logo, liberdade e cuidado de si não se colocam como um ato de contestação identitária, mas como um exercício coletivo de construção de modos de vida que colocam em questão a potência do corpo em agenciamento com outros corpos. Neste sentido, há uma relação de reciprocidade entre poder, liberdade e resistência. A relação consigo pode ser uma das origens dos pontos de resistência às práticas de dominação. Deleuze (2005) afirma que, afetada pelas relações de poder e pelas relações de saber, a relação consigo não pára de renascer, em outros lugares e em outras formas.

ENCONTRAR O FORA

A noção de sujeito na obra de Foucault devolve a esse conceito toda sua potência plástica e criadora, uma vez que o entende como uma dobra do Fora* capaz de articular todo o dizível e todo o visível através dos jogos de saber e poder que se movimentam através dele. Deleuze (2005) argumenta que Foucault aborda uma relação consigo, que começa numa derivação da relação com os outros. Essa derivação supõe relações com o lado de fora, que se curvam para formar um forro, um rasgão, uma invaginação que opera uma dobra. O que pertence ao lado de fora é a força. O sujeito seria um produto de uma dobra dessa força, o que o caracterizaria como um processo de subjetivação, uma existência estética, isto é, um afeto de si por si através da relação com as forças do Fora, com as forças da alteridade. Enfim, esta é a regra facultativa do homem livre.

Ao problematizarmos o presente enquanto tempo vivido, podemos operar com novas dobras do Fora, com novos agenciamentos de forças ativas e criativas que fazem tecer uma trama entre dobras e desdobramentos de si. Nesse caso, tecer uma estética do existir supõe uma estranha liberdade, no sentido de um tempo que se dobra e conserva um dentro já vivido, ao mesmo tempo em que essa dobradura se abre e se desfaz novamente para o Fora. A conciliação entre dentro e fora, opera as coextensividades de um discurso desdobrado, mas também conserva seus pontos de ruptura e evanescência.

Mas é importante ressaltar que, se falamos de um fora, não dizemos de uma parte excluída que deveríamos incluir em nosso universo de compreensão. O Fora não caracteriza um lugar ou um objeto, é uma função revolucionária, contestadora das verdades tomadas como universais e eternas. Assim, não reafirma a identidade de um outro ser ou lugar externo a nós, mas resgata exatamente uma estrangeirice absoluta e, ao mesmo tempo, coexistente que nos habita enquanto

singularidade e caos. Estrangeiro problematizado por Derrida (2003) e que vai além daquele que se opõe a certa identidade (e mantém os formatos familiares), mas se coloca como aquilo que consegue colocar em questão o próprio modo conhecido e já dado de nosso ser, nos conectando com esse fora cheio de potencialidades e virtualidades não atualizadas. Roçar, ter contato, experimentar esse fora nos interessa especialmente quando essa experiência permite que se estremeçam as bordas endurecidas do sujeito da razão, num movimento de saída do interior, para fora de um si mesmo estático, em direção a uma alteridade absoluta (Levy, 2003).

Para Deleuze (2005), a existência estética afirmada pelos gregos solicitaria também uma memória do futuro, ou seja, uma memória como relação consigo, ou afeto de si por si. Trava-se, aqui, um trabalho sobre a própria existência, como uma envergadura de forças e seus embates. Nesse caso, o tempo como subjetivação se chama memória, num exercício de dobrar e desdobrar que se diferencia do tempo cronológico. Então, tempo e subjetividade se aproximariam na compreensão do sujeito como dobra do próprio tempo. Dobras que vão construindo histórias embrulhadas, formas de existência em coextensão com o Fora, mas ao mesmo tempo marcadas pelas dobraduras do próprio Fora, desse tempo, dessa “auto-afecção”. Não é um simples fora indiferenciado, caos, mas a coextensão e produção da dobra sobre si mesmo que se apresenta como exercício do tempo e cria um sujeito conectado com o Fora. Sujeito que surge na dobra do tempo de si sobre si mesmo, mas a partir da coextensão com o outro. Assim, ela pode duplicar o presente, que reduplica o lado de fora e que não se distingue do esquecimento, pois ela é também esquecida para se refazer.

O tempo se torna sujeito, por ser a dobra do lado de fora e, nessa condição, faz com que todo o presente passe ao esquecimento, mas conserva todo o passado na memória, o esquecimento como impossibilidade de retorno e a memória como necessidade de recomeçar (Deleuze, 2005, p. 115).

ESCRITA DE SI E AUTORIA DO MUNDO

Dentro das práticas do cuidado de si, Foucault (2006) encontra a escrita (os hypomnêmata) como um exercício pessoal capaz de manter os pensamentos à disposição para uma conversa consigo mesmo e com os outros: “trabalho de pensamento, trabalho pela escrita, trabalho na realidade” (p. 147). Além de reunir o que se pôde ler e ouvir para a constituição de si, essas escritas também se caracterizam como práticas regradas e voluntárias do disparate. Escrita como exercício próprio

de pensamento e constituição de singularidades, a partir desses encontros e desencontros com a moralidade e com as verdades já dadas. Corpo-pensamento que se abre às experimentações e possibilita que entremos em contato com as racionalidades instituídas, de forma a colocá-las num exercício de desmanchamento e produção constante. Essas práticas permitiriam, assim, um reencontro com o exercício do pensamento e com a problematização moral, tão desconsiderados contemporaneamente, como apresentamos acima.

O essencial é que se possa considerar a frase retida como uma sentença verdadeira no que ela afirma, adequada no que prescreve, útil de acordo com as circunstâncias em que nos encontramos. A escrita como exercício pessoal feito por si e para si é uma arte da verdade díspar; ou, mais precisamente, uma maneira racional de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso (Foucault, 2006, p. 151).

Assim, as escritas de si não têm um compromisso de verdade com a parte do real que foi nelas atualizada, mas têm como função principal, dar visibilidade a um real virtual, ou seja, têm a potência de tocar no Fora, no impossível, para tornar possível outro mundo. Deste modo, faz-se da própria escrita uma experiência do Fora, que é sempre uma tentativa de escapar dos aprisionamentos capitalísticos da subjetividade contemporânea. Essas são escritas que permitem que nos desvencilhemos de nossas pequenas vidas particulares, para deixar falar uma voz estrangeira (Levy, 2003).

Neste sentido, encontramos em Foucault (2006b) uma discussão sobre a noção de obra, pois, na escrita a que nos referimos, não se trata do ato de escrever, mas da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não pára de desaparecer. Tal escrita se coloca como intensiva, sem a intenção de tudo esgotar e sem marcar a abundância e a repetição características da busca por individualidades identitárias. Ao se produzir uma escrita como expressão de singularidades, decompõe-se o indivíduo e produz-se uma conexão com a impessoalidade. Desmanchamento do sujeito identitário, do eu, que expressa as microlutas de muitos eus, de uma vida vivida para alguém e além das vidas individuais.

É aí que encontramos um parentesco da escrita com uma morte que se expressa ao se conectar com esse fora que é também desmanchamento do eu. Não a morte trágica, mas a morte do sujeito narrador que não é mais proprietário de seu texto, e sim a própria expressão dele. Assim, a proximidade da escrita e da morte se afirma na própria possibilidade de abertura de

sentidos para além das significações estereotipadas e das armaduras civilizatórias (Deleuze, 2007).

É preciso, no entanto, evidenciar que essa escrita, enquanto real virtual, não trata de um mundo do além. É nosso próprio mundo que fala tentando escapar das amarras do presente (Foucault, 2006b). É a própria potência da existência que insiste em existir e se presentifica. O filósofo salienta, então, que não basta afirmar que o autor desaparece. Seria preciso localizar o espaço deixado vago pela desaparecimento do autor, seguir as lacunas e as falhas, bem como espreitar os locais, as funções livres que essa desaparecimento faz aparecer. Nesse caso, é possível uma aposta na desenvoltura produzida pelo desmanche do autor. Desse desdobramento, aquilo que se torna uma experiência lacunar pode ter o ímpeto de um presente revirado e reinventado. Esse desmanchamento teria, então, a potência de se reafirmar enquanto expressão, enquanto estética de uma existência singular.

Assim, a função-autor, em nossa cultura, se caracteriza por um discurso que implica o autor como foco de expressão que pode manter esta relação com uma unidade de escrita, atuando de tal forma que daria lugar à dispersão. A função autor é uma das especificações possíveis da função sujeito. Logo, autor de si e do mundo, um sujeito se redobra em novos focos de resistência, ao lidar com saberes e poderes de um modo estranhamente livre e envolto em subjetivações estéticas (Foucault, 2006b).

Agamben (2006) retoma o texto de Foucault ao salientar a dispersão da função transdiscursiva que constitui o autor, para além dos limites de sua obra, em um instaurador de discursividades. A função autor surge como um processo de subjetivação, a marca de um escritor que passa a existir na singularidade de sua ausência. Trata-se de ocupar o lugar de um morto, de um sujeito-autor que se constrói nos vestígios de sua ausência, de sua improntidão, pois, assim como o mundo, está sempre por se fazer, constituindo-se um foco de resistência, como uma espécie de luta pela subjetividade que se apresenta como direito à diferença e à variação, em direção à metamorfose.

Para Costa e Fonseca (2007), podemos investigar as interações entre práticas, em seus atravessamentos múltiplos e lacunares, para ficcionar um percurso, sem origem ou fim, para compor operadores estratégicos de intervenção, sobre arranjos de ações e vontades, em suas guerras e alianças, que constituem a todo o instante o presente que se abre para um futuro por fazer nas possibilidades de novas dobras subjetivas.

Por fim, em meio a um tempo cindido e replicado em vários, um sujeito se liga às aventuras de um caminhar envolto em paisagens insólitas e escorregadias. Seus

passos o levam para os descaminhos da invenção, em sua potência de ousadia e entrega a absurdos instantes mínimos, cercados de vibração e desmanche. Um movimento intensivo sucumbe aos excessos do Fora e passa a desejar a estética de uma vida, em uma zona fronteira que conecta subjetivação e contorno inventado.

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2006). *O autor como gesto. Profanações*. Lisboa: Cotovia.
- Costa, L. A.; Fonseca, T. M. G. (2007). Do Contemporâneo: o tempo na história do presente. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 59, 2, 110-119.
- Deleuze, G. (2007). *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva.
- Deleuze, G. (2005). *Foucault*. São Paulo: Brasiliense.
- Derrida, J. (2003). *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*. (Trad. de Antonio Romane). São Paulo: Editora Escuta.
- Fonseca, T. M. G.; Engelman, S.; Kirst, P. G. (2006). A revolução do presente. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, 18, 2 (jul./dez.), 83-92.
- Foucault, M. (2006). Ética, sexualidade, política. Manoel Barros de Motta (org.). *Ditos e Escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2006b). Estética: literatura e pintura, música e cinema. Manoel Barros de Motta (org.). *Ditos e Escritos III*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (1984). *História da sexualidade: o uso dos prazeres* (Vol. II). Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1990). O que é a crítica? [Crítica e Aufklärung]. *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, 82, 2 (avr-juin.), 35-63, (Conferência proferida em 27 de maio de 1978). Gabriela Lafeté Borges (trad.), Wanderson Flor do Nascimento (revisão). Disponível em: <www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault>.
- Levy, T. S. (2003). *A experiência do Fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Muchail, S. T. (2009). A propósito do título A Hermenêutica do Sujeito. *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba: Editora Champagnat, 21, 28 (jan./jun.), 79-86.

Recebido em: 31/05/2010. Aceito em: 15/09/2010.

Autores:

Juliane Tagliari Farina – Psicóloga. Psicoterapeuta. Especialista, Mestre e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional (UFRGS). Professora do Curso de Especialização Instituições em Análise (ESADE).

Luciana Rodriguez Barone – Psicóloga. Integrante do Grupo Hospitalar Conceição. Especialista e Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional (UFRGS).

Tania Mara Galli Fonseca – Psicóloga, Professora dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional e de Informática Educativa (UFRGS).

Vilene Moehlecke – Psicóloga. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional (UFRGS) e Doutoranda pelo Programas de Pós-Graduação em Informática Educativa (UFRGS). Professora do Curso de Psicologia (UNISINOS).

Enviar correspondência para:

Juliane Tagliari Farina
Rua Dr. Barros Cassal, 585/11 – Bom Fim
CEP 90035-030, Porto Alegre, RS, Brasil
E-mail: <julianetfarina@hotmail.com>

Luciana Rodriguez Barone
Rua Santana 926/13 – Santana
CEP 90040-371, Porto Alegre, RS, Brasil
E-mail: <lucianarbarone@yahoo.com.br>

Tania Mara Galli Fonseca
Rua Campos Salles, 261 – Boa Vista
CEP 90480-030, Porto Alegre, RS, Brasil
E-mail: <tfonseca@via-rs.net>

Vilene Moehlecke
Rua Paulo Jack Feltes, 44
CEP 93048-260, São Leopoldo, RS, Brasil
E-mail: <vilenemo@unisinis.br>